



XIII Congresso Brasileiro de Planejamento Energético

24 a 26 de agosto de 2022

Rússia e geopolítica do O&G: Uma disputa de narrativas e interesses, um olhar pelo realismo e suas implicações sobre a Segurança Energética

Bruno Lopes Ferreira^{1*}

1. Planejamento Energético COPPE UFRJ;

INTRODUÇÃO

O conhecimento de fontes energéticas e de suas aplicações foi um fator decisivo para o desenvolvimento da civilização. Rifkin (2004) entende que os ciclos de formação, apogeu e decadência de diversas civilizações ao longo da história estão relacionados diretamente com as respectivas capacidades em garantir o abastecimento regular de suas demandas energéticas. Neste contexto, a civilização da II Revolução Industrial (1860-1960/70) somente pode ser compreendida pela emergência, a partir da segunda metade do século XIX, do petróleo como fonte energética principal. A indústria de petróleo e de gás natural impôs-se, na verdade, como a maior indústria de todo o século XX. Nas economias dos EUA e em algumas da União Europeia, a propósito, a participação do setor se aproxima dos 20% do PIB, enquanto na Rússia chega ao volume de cerca de 60% (PAIVA, 2012).

Por essa forte importância na economia e na dinâmica estrutural de um país, o estudo de energia e segurança ganha contornos estratégicos por uma perspectiva geopolítica. Para Felix Ciutã (2010), “a energia é algo especial e complexo, o que acaba lhe imprimindo o caráter de temática de amplitude total: nada existe que não seja por meio da energia, ou não seja afetado pela energia”. Em razão deste caráter total da energia, a segurança energética teria o potencial de influenciar a concepção sobre segurança em diversos aspectos, deixando a segurança de ser um domínio de significado e prática limitados.

A segurança energética pode evidenciar diferentes conotações conforme esteja inserida em contextos distintos, pois seja como matéria política ou como objeto de análise, a relação entre energia e segurança nem sempre haverá de ser uniforme. Deste modo, a proliferação de conceitos sobre segurança energética, fomentada por diferentes atores, permitiria assim afirmar que a segurança pode ser percebida como categoria que tende a possuir diversas concepções teóricas e práticas (PAIVA, 2012).

Por seu caráter amplo do estudo de energia, Krause & Williams (1996) norteiam o debate sobre o “novo pensamento sobre segurança”, que é a ideia de ampliação e aprofundamento dos parâmetros que norteiam a concepção de segurança. A ampliação das potenciais formas de ameaças consiste em incluir novas temáticas no campo da segurança como questões econômicas, ambientais, de direitos humanos e a migração.

Portanto, entender as dimensões do confronto entre Rússia e Ucrânia se faz pertinente uma vez que essa guerra pode reverberar além dessas fronteiras e envolver novos temas no debate, como segurança energética, cooperação internacional e reordenamento de forças no xadrez geopolítico. Em relação ao mote principal desse artigo, o nível de dependência da Europa do fornecimento de gás russo e a relativa falta de alternativas para além de retiradas mais rápidas de armazenamento e esforços para atrair mais cargas do mercado global de GNL (devido ao declínio da produção europeia de gás e ao facto de as importações de gasodutos da Noruega, Norte de África e Azerbaijão já terem aparentemente atingido níveis máximos) (OXFORD, 2022).

Para contextualizar, após a crise na Ucrânia em 2014 que contava com um governo mais voltado para a zona de influência russa mas existia um forte movimento interno em prol da maior proximidade com a Europa Ocidental. A deposição apoiada pelos governos dos EUA (especialmente democratas), inflamou um sentimento ucraniano para se afastar dos interesses russos e alimentou intenção de adentrar na OTAN. Como contra ataque, o Governo Putin decidiu apoiar regiões separatistas, de maioria russo-étnica, nos territórios de Donetsk e Lugansk (regiões de Donbass) e na Criméia, e mesmo com ressalvas, assinaram os acordos de Minsk de cessar-fogo, com o governo ucraniano e com a Rússia, em setembro de 2014. Com o recrudescimento do conflito, e o tensionamento internacional entre Rússia e EUA/OTAN, sistematicamente o governo ucraniano, instigado especialmente pelos EUA vêm forçando uma narrativa de “reconquista” e ofensiva sobre os territórios do Donbass nos últimos anos. Em dezembro de 2021, a disputa tomou uma escalada de pré-conflito aberto, situação que tomou proporções de tensões militares como não vistas desde o fim da Guerra Fria na Europa.

Entre os teóricos e analistas existia a sensação que até aquele momento era utilizado o método de negociação de escalar para desescalar, ou seja, elevar a tensão em partes para se chegar a um acordo mais rápido. No entanto, como estamos somos tomados pelas relações humanas e por mais racional que sejamos, em certos momentos, situações podem fugir do controle e centelha o início de uma guerra.

Por mais que guerra em um primeiro momento fosse improvável, existem atores com diferentes agendas e interesses que podem ganhar terrenos com tais conflitos e acessar novos mercados ou expandir o raio de influência. Em razão disso, na próxima seção o debate sobre o papel da segurança energética e os players envolvidos nesse mercado de petróleo serão importantes para entender essas movimentações geopolíticas.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é apresentar os desafios da guerra entre Rússia e Ucrânia para a geopolítica do O&G, que interfere diretamente em se rediscutir o papel da segurança energética e em que medida é importante ter controle sobre esses recursos para autonomia do seu projeto de nação. Um possível reordenamento de forças no cenário internacional é discutido durante o texto e suas implicações para os atores e o sistema internacional. Para fundamentar as análises o presente artigo faz uso da teoria realista das Relações Internacionais e conceitos de geopolítica para cenarização prospectiva pois permite entender pontos de vista e possibilidades, uma vez que países buscam maximizar a sua utilidade esperada, ou seja, dado um conjunto de preferências e um número de possíveis decisões esse ator optará por aquela que aumenta o benefício esperado. Esse grau de incerteza, suscita questionamentos de natureza: como será a relação entre Rússia e União Europeia, com o incremento das sanções? Quais serão as novas rotas de gás e petróleo se permanecer essa tensão? Essa guerra pode catalisar ou frear a transição energética para uma economia de baixo carbono?

MÉTODOS

O uso realismo se faz pertinente e ainda mais se tratando da geopolítica pois como argumenta Fernandes (2009) o realismo busca apresentar uma teoria sobre a política internacional e tem uma preocupação teórica com a natureza humana e com os fatos tais quais se apresentam, com o Estado sendo imagem e semelhança das pessoas. Já Morgenthau (2003) parte da ideia de um realismo político no qual política e sociedade em geral são organizados por leis objetivas que refletem a natureza humana, sendo esta imutável pautada pelo interesse próprio e egoísmo, pela busca da sobrevivência e segurança. Além disso, interesses definidos em termos de poder e existe um afastamento das motivações e sobre as preferências ideológicas. Portanto, podemos extrair certo entendimento do motivo que a Rússia adota um modelo que contraria os seus pares no debate internacional, em uma ideia que os fins justificam os meios, no qual a busca por desenvolvimento econômico tem prioridades frente às outras demandas mesmo que isso possa resultar em crises no longo prazo. A partir dessa abordagem teórica se faz necessário uma contextualização do momento atual e a condução da política externa e trazer o conceito de Segurança Humana para enriquecer o debate sobre segurança e combustíveis fósseis.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Agência Internacional de Energia (2022), indica que a União Europeia importou 155 mil milhões m³ de gás natural diretamente da Rússia, o corresponde a quase 40% do total de importações, o que coloca o bloco em difícil poder de barganha na ocorrência de conflitos. A principal vantagem dessa parceria se deve a facilidade relativa para construção de gasodutos entre as partes e as grandes reservas russas da matéria prima, ou seja, permite uma amortização dos gastos com infraestruturas além de garantir um fornecimento por longos anos se não houver problemas estruturais ou políticos.

Para a Rússia, esse tipo de contrato é importante pois garantem reservas internacionais (divisas) ao país e protege de certa forma de possíveis sanções, vide o processo imposto após a anexação da Criméia em 2014. Por mais que a economia russa tenha sofrido impacto, por conta do gás ser uma commodity essencial para comércio internacional o seu fluxo não diretamente impactado e em momentos de tensionamento das relações, a Rússia tem a opção de redirecionar seus produtos para China, Japão e outros países da Ásia.

A Ucrânia sempre jogou com essa posição estratégica entre Europa e Rússia para obter vantagens, ora da Europa, ora da Rússia. Tem uma diplomacia pendular. No entanto, também dependeu do gás russo e sempre quis pagar mais barato por ser aliado da Rússia e ser o elo do gasoduto entre exportador e importador. Quando a Ucrânia tendeu para o Ocidente em 2014 e recebeu recursos da OTAN, a Rússia aumentou os preços do recurso e em contrapartida, os ucranianos passaram a desviar parte do que iria para Alemanha e França (LEÃO, 2022).

A Ucrânia sempre jogou com essa posição estratégica entre Europa e Rússia para obter vantagens, ora da Europa, ora da Rússia. Tem uma diplomacia pendular. No entanto, também dependeu do gás russo e sempre quis pagar mais barato por ser aliado da Rússia e ser o elo do gasoduto entre exportador e importador. Quando a Ucrânia tendeu para o Ocidente em 2014 e recebeu recursos da OTAN, a Rússia aumentou os preços do recurso e em contrapartida, os ucranianos passaram a desviar parte do que iria para Alemanha e França (LEÃO, 2022).

Para enfrentar esse obstáculo, o governo russo propôs a criação do gasoduto Nord Stream 2, que conecta os campos de produção russos à Alemanha através do Mar Báltico. Esse instrumento poderia diminuir os riscos frente amenidades crescentes na região e garantir segurança energética para a Alemanha, uma vez que país estava em processo de descomissionar o seu parque de usinas nuclear por forte pressão popular frente aos acidentes de Fukushima, além de enfrentar avanço do partido verde no parlamento alemão e com forte poder de agenda na política local, por isso Merkel teve um papel importante para equalizar esses diversos interesses no internacional e nacional.



XIII Congresso Brasileiro de Planejamento Energético

24 a 26 de agosto de 2022

Rússia e geopolítica do O&G: Uma disputa de narrativas e interesses, um olhar pelo realismo e suas implicações sobre a Segurança Energética

Bruno Lopes Ferreira^{1*}

1. Planejamento Energético COPPE UFRJ;

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Essa abordagem pode ser explicada pela Teoria da Escolha Racional, uma vez que o ator busca maximizar a sua utilidade esperada, ou seja, dado um conjunto de preferências e um número de possíveis decisões esse ator optará por aquela que aumenta o benefício esperado (DE MESQUITA, 2009). Entender essas interferências na política e como agir em prol de determinado fim, se faz necessário aprofundar a correlação entre a política interna e política externa para discernir sobre as movimentações e articulações do país, em uma agenda que atende os interesses dos cidadãos locais e que sofre validação a cada eleição mas também em contrapartida coabita com os interesses internacionais que tem a finalidade de obter maior relevância e poder relativo sobre os seus vizinhos e presença no contexto geopolítico. Por isso, estudar a atuação de um país sob a luz da teoria do jogo de dois níveis traz um arcabouço fundamental para estruturar o *modus operandi* dos países e suas sensibilidades aos efeitos locais e externos na condução da sua política. A política doméstica e a política externa com frequência são altamente vinculadas no sentido de que a diplomacia é uma política de Estado. Entretanto, quando os líderes nacionais devem obter as ratificações (formais ou informais) dos membros de seus parlamentos para um acordo internacional, seus comportamentos em negociações refletem os imperativos simultâneos tanto de um jogo de política doméstica quanto de um jogo de política internacional. (PUTNAM, 2010).

No entanto, como a política internacional é movida por diversos atores, os Estados Unidos não receberam com bons olhos esse fortalecimento de laços entre Alemanha e Rússia. Primeiro que os estadunidenses tem interesse em exportar GNL e o continente europeu seria a primeira opção de mercado para escoar esse excesso de oferta.

Do ponto de vista geopolítico, existe uma nova disputa para quem vai ter “controle” sobre o Heartland. Em 1919, o geógrafo Mackinder postulou sobre o poder terrestre e o papel da região pivô que está localizada na eurásia, pois o fato da privilegiada posição geoestratégica de quem dominasse essa imensa massa terrestre iria desempenhar protagonismo nas relações internacionais em posse do “espaço vital”. Por tal motivo, Mackinder resguardou preocupações de uma posição aliança entre Alemanha e Rússia.

Fato é que Rússia e Alemanha, em momentos diferentes na história, têm a pretensão de controlar o Heartland. A Rússia em certa medida tenta reeditar essa trajetória e o gás tem um papel importante nesse contexto. De outro lado, como alertou os outros países devem dissuadir essas iniciativas. Antigamente foi pela pulverização dos países da Europa, em especial ao leste como o desmembramento da Tchecoslováquia e depois da Iugoslávia. Agora a tática por expandir os Estados membros na OTAN, aliança militar que resguarda a integridade do outro, ou seja, se um membro sobre algum ataque é dever dos demais ajudar.

Essa configuração geopolítica visa sufocar possíveis arroubos expansionistas da Rússia, no entanto também deixa vulnerável em termos de defesa. Uma vez que grande parte do território russo é conformado por planícies, conjuntura que favorece um possível ataque de agressor. No Império Russo e União Soviética, grande parte das batalhas se davam fora da agora Rússia, quando muito se utilizava a tática dar espaço para ganhar tempo e o contar a ajuda do frio como aliado.

O frio no caso atual pode ser novamente um aliado, uma vez que a Europa registra um inverno mais rigoroso que o habitual devido a uma “quebra” do vórtice polar no Pólo Norte e por conta das mudanças climáticas, os próximos invernos podem ser mais intensos (NATURE, 2022; NATURE, 2020).

Para Fiori (2022), em plena crise energética, pandêmica e inflacionária europeia, só a Rússia tem capacidade imediata de aumentar a oferta do gás que os europeus necessitam para esquentar suas casas, baixar seus custos de produção e recuperar a competitividade de sua indústria, diminuindo o grau de insatisfação de suas populações. Fator pelo qual os países europeus parecem em certa medida serem permissivos com alguns afrontes russos e tentam dissuadir através de sanções econômicas, boicotes e estrangulamentos diplomáticos que podem servir mais para controlar a opinião pública que efeitos no longo prazo. E mesmo que utilizada a prerrogativa da responsabilidade de proteger da Segurança Humana, ela pode ser criticada pois em certos casos é utilizada com parcialidade atendendo interesses de outras partes.

Já a Rússia tem mais opções para mover suas peças de xadrez no contexto geopolítico. Expandir mercados para China, Japão e Coreia do Sul para estocar sua oferta. No caso, China estreitar os laços e investir no desenvolvimento da Nova Rota da Seda e deslocar o Heartland a leste, com o objetivo de fortalecer a região da Sibéria e suas pretensões de controlar o espaço marítimo e territorial do Ártico, além de tentar se afastar da zona de influência econômica do dólar e euro.

Essa abordagem, seria uma correção de rota do passado ao olhar demais para o Oeste e em certa negligenciada medida as posições a Leste e inclusive o Território do Alasca para os Estados Unidos por focar demais no poder terrestre e esquecer da importância do poder marítimo na geopolítica.

Uma outra saída para Rússia, seria investir na liquefação do gás e explorar novas rotas marítimas para fazer frente ao Catar e Estados Unidos, inclusive reativar o projeto de construção de Canal da Nicarágua e reduzir a zona de influência na América Central.

Para a Europa, no curto prazo existe a tendência do aumento dos preços do gás mas contudo uma oportunidade para acelerar um processo de transição energética nos países para preservar sua Segurança Energética. A França, por exemplo, já emitiu sinais que quer incrementar seu parque de usinas nucleares, o que reacende o debate para possíveis e possíveis usos bélicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou contextualizar e analisar os fatos contemporâneos no que tange a geopolítica da Rússia e em especial pelo caráter estratégico das reservas de petróleo e gás. Por conta da proximidade do objeto em questão do estudo, se optou por uma breve contextualização do papel da energia na modificação estrutural dos países, para depois partir para avaliação conjuntural e suas implicações. Importante ressaltar que esse momento da história vai trazer uma série de desdobramentos e em especial reordenamento de forças, possivelmente a enfraquecimento de uma hegemonia para dividir forças com potências em sistema multipolar. A disputa de narrativas se torna ferramenta importante para se tentar o controle sobre os fatos, portanto é necessário buscar entender a dimensão holística dos acontecimentos para obter um encadeamento e materialidade da situação.

REFERÊNCIAS

- DE MESQUITA, B. B. (2009). **Foreign Policy Analysis and Rational Choice Models**. International Studies Association Compendium Project Paper.
- FIORI, J. **O papel do petróleo e do gás no passado e futuro estratégico da Rússia**. INEEP. 2017.
- FERNANDES, José. **Teorias das Relações Internacionais: da abordagem clássica ao debate pós-positivista**. Coimbra: Gráfica de Coimbra. 2009.
- IEA. **Oil Stocks of IEA Countries**. 2022. Disponível em: <https://www.iea.org/articles/oil-stocks-of-iea-countries>
- IEA. **A 10-Point Plan to Reduce the European Union's Reliance on Russian Natural Gas**. Disponível em: <https://www.iea.org/reports/a-10-point-plan-to-reduce-the-european-unions-reliance-on-russian-natural-gas>
- IPCC. **2019 Refinement to the 2006 IPCC Guidelines for National Greenhouse Gas Inventories**. 2019. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/2019-refinement-to-the-2006-ipcc-guidelines-for-national-greenhouse-gas-inventories/>
- LEÃO, R. **A questão energética na crise Rússia e Ucrânia e a frágil posição europeia**. 2022.
- MORGENTHAU, HANS. **A Política entre as Nações**. Brasília: UnB/IPRI. 2003.
- Nature. **Changes in Northern Hemisphere temperature variability shaped by regional warming patterns**. 2020
- Nature. **Compound changes in temperature and snow depth lead to asymmetric and nonlinear responses in landscape freeze-thaw**. 2022
- OLIVEIRA, Ariana. (2009) **O fim da Guerra Fria e os Estudos da Segurança Internacional: O Conceito de Segurança Humana**. Aurora, ano 3, n. 5. Disponível em: <https://www.maria.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/OLIVEIRA.pdf>
- OXFORD. **The Russian invasion of Ukraine and China's energy markets**. 2022
- OXFORD. **Russia-Ukraine crisis: Implications for global oil markets**. 2022.
- PUTNAM, Robert. **Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis**. Rev. Sociol. Polit. vol.18 no.36 Curitiba 2010;
- RIFKIN, J.. **A Era do Hidrogênio**. São Paulo: Makron Books, 2004.
- ROTHCHILD, Emma. **What is security?** Daedalus.124. n3(Summer 1995):53 (46).
- WALT. STEPHEN. **Who Will Save the Amazon (and How)?** Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/08/05/who-will-invade-brazil-to-save-the-amazon/>
- WALT, Stephen M. **Theory and Policy in International Relations**. Annual Review of Political Science, Palo Alto, California v. 8 , Annual Reviews, p. 23-48, 2005b.
- WALT, Stephen M. **International Affairs and the Public Sphere**. Social Science Research Council , 2011. Disponível em: <http://publicsphere.ssrc.org/walt-international-affairs-and-the-public-sphere/>.
- Waltz, K. N. (1996). **International politics is not foreign policy**. Security Studies, 6(1), 54-57.